



FUNDAÇÃO PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS DE TEÓFILO OTONI
CURSO DE PSICOLOGIA

FABIENE RODRIGUES LEMOS VIEIRA

A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA
SUBJETIVIDADE

TEÓFILO OTONI
2021

FABIENE RODRIGUES LEMOS VIEIRA

**A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA
SUBJETIVIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao curso de Psicologia da Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Carlos Renato de Oliveira Faria

TEÓFILO OTONI

2021

Fabiene Rodrigues Lemos Vieira

**A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA
SUBJETIVIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao curso de Psicologia da Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Carlos Renato de Oliveira Faria

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Avaliador 1

Prof. Avaliador 2

Prof. Avaliador 3

A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

THE INFLUENCE OF THE MEDIA IN THE SUBJECTIVITY FORMATION PROCESS

Fabiene Rodrigues Lemos Vieira

Graduanda do curso de Psicologia da Alfa Unipac, fabienorodrigues2010@hotmail.com

Carlos Renato de Oliveira Faria

Psicólogo clínico, Mestre, Pós-graduado em Psicanálise, Psicologia Hospitalar, Neuropsicologia e NeuroMarketing, Psicologia Clínica Humanista-Existencial e Docente da Faculdade Alfa Unipac de Teófilo Otoni-MG, Brasil, crofpsi@gmail.com

Resumo

As redes midiáticas consistem em poderosas ferramentas capazes de transmitir inúmeras informações e alcançar um significativo número de pessoas num tempo mínimo. Esses mecanismos apresentam uma dualidade de efeitos que estabelece uma linha tênue entre positivos e negativos. O presente trabalho tem como objetivo demonstrar a partir de uma revisão bibliográfica numa visão existencial-humanista, algumas perspectivas de autores sobre os fenômenos e os impactos emergentes em uma cultura cibernética. Tendo a globalização como principal impulsionador para a Pós-modernidade, a dinâmica da sociedade sofreu/sofre muitas modificações rapidamente. A contribuição das ciências psicológicas designa-se indispensável para a compreensão dessas mutações. Uma vez que, percebe-se indivíduos adoecidos e alienados por uma lógica que engloba a instantaneidade e a substituição simultânea. O processo de formação da subjetividade cada vez mais se demonstra construído a cerca de parâmetros virtuais nutridos de ideologias capitalistas, nas quais geram um mal-estar contínuo devido à inconstância das transformações. Diante o estudo realizado, conclui-se a necessidade da psicologia como uma ciência social essencial para a discursão, reflexão e análise dessa engrenagem submetida. Certamente, abdicar de compreender as novas configurações sistemáticas Pós-modernas, não constitui como um manejo assertivo. Entretanto, aprender a lidar com o novo e se questionar até onde pode ser construtivo e até onde pode levar para o patológico, possivelmente será o melhor caminho.

Palavras-chave: Redes Midiáticas; Cultura Cibernética; Pós-modernidade; Subjetividade; Psicologia.

Abstract

Media networks consist of powerful tools capable of transmitting countless information and reaching a significant number of people in a minimum time. These mechanisms have a duality of effects that draws a fine line between positives and negatives. The present work aims to demonstrate, from a literature review in an existential-humanist view, some perspectives of authors on the phenomena and impacts emerging in a cybernetic culture. With globalization as the main driver for Post-modernity, the dynamics of society has rapidly undergone/suffers many changes. The contribution of the psychological sciences is considered indispensable for understanding these mutations. Once, sick and alienated individuals are perceived by a logic that encompasses instantaneity and simultaneous substitution. The process of formation of subjectivity is increasingly demonstrated to be built around virtual parameters nourished by capitalist ideologies, in which they generate a continuous malaise due to the inconstancy of the transformations. Given the study carried out, the need for psychology as an essential social science for the discussion, reflection and analysis of this gear is concluded. Certainly, abdicating to understand the new Postmodern systematic configurations does not constitute assertive handling. However, learning to learn to deal with the new and questioning how constructive it can be and how far it can lead to the pathological will possibly be the best path.

Keywords: Media networks; Cyber culture; Postmodernity; Subjectivity; Psychology.

1. Introdução

O presente artigo visa minuciar o processo da globalização cuja tecnologia fora o principal elástico para a transformação na sociedade contemporânea, resultando alterações em implicações afetivas, sociais e cognitivas na mesma. A proposta consiste em exibir como a sociedade pós-moderna é produto de grandes mudanças em decorrência da era digital e como essas mudanças estão impactando no cotidiano das pessoas e no surgimento de novas patologias.

O parâmetro principal desse trabalho é demonstrar como a construção da subjetividade está se fundamentando nos dias atuais, sabendo que esta atravessa, frequentemente, grandes transformações e a cultura apresenta um papel importante nesse processo. A concepção de sujeito estático, acabado e estável se revoga devido aos diversos momentos da pós-modernidade que o compele para a tendência à mutação a inúmeras direções. Desta forma, a subjetividade vai se

formando e deformando, assumindo outras significações de acordo com as circunstâncias históricas que as tendenciam. O fato é que no mundo pós-moderno, o que se viabiliza é o prazer e o bem-estar individual.

Castells (1996) compreende a constituição de identidade como um processo de estruturação de significado fundamentado em propriedades culturais das quais predominam sobre outras fontes de significado, significado sendo estrutura autossustentável ao longo do tempo e espaço. Conseqüentemente, pode-se afirmar que a cultura midiática emergente fora uma das precursoras para o engajamento e a permanência de novas culturas que influenciam o comportamento das pessoas e as direcionam para escopos mutáveis. A evolução tecnológica se configura como um determinante de inconstância e quando esta evolui, periodicamente a esfera social tende a segui-la e a se reconstituir.

O mal-estar da pós-modernidade revela uma conjuntura significativa de pessoas que permanecem conectadas na internet durante o dia quase todo senão todo, consumindo diversos conteúdos e interiorizando estes para si - evidentemente, gerando uma grande disforia (num misto de depressão e ansiedade) por buscar assimilar as tendências à realidade. A internet conduziu a humanidade a caminhos nunca antes explorados, trazendo muita facilidade e praticidade. No entanto, paralelamente proporcionou as pessoas um ciclo dependente, onde as mesmas são aprisionadas pelo uso excessivo das ferramentas digitais.

A pergunta norteadora se constitui em Como as mídias se implicam no processo de formação da subjetividade? Ademais, pretende-se salientar a acentuação do vazio existencial e a insatisfação diária vivida na sociedade, tendo como pano de fundo o que as pessoas aspiram para a estruturação dos seus desejos e prazeres, apesar da instantaneidade e da brevidade entorno desse deleite.

A conjuntura pode oferecer muito para o agregamento de percepções da atualidade e de compreensões dos fenômenos decorrentes, numa tentativa de translucidar os arranjos e os porquês das incidências de novos comportamentos - um feito que beneficiará tanto no âmbito acadêmico, principalmente nas áreas de psicologia, antropologia e sociologia, quanto em outras áreas do saber. É possível perceber que a transição entre os séculos acentuou ainda mais o mal-estar da sociedade, influenciando diretamente a concepção de subjetividade. Outrossim, são as novas gerações que nasceram com o contato direto com as demais tecnologias,

apresentando características bem peculiares que as distanciam significativamente dos indivíduos das décadas anteriores.

Outros pontos para indagação que irão ser percorridos e que são importantes nesse debate: a discursão de características semelhantes presentes na subjetividade dos indivíduos na sociedade atual, sendo as queixas comuns e os comportamentos análogos; e ainda críticas sobre a falta de identidade própria seguida da alienação e das tendências que propagam cada vez mais a ideia dos paradigmas, estendendo da maneira aceitável de como ser ao modo de como agir. Através dessa conjuntura, o presente trabalho tem como objetivo apresentar como o processo de construção da subjetividade das pessoas está paralelamente influenciado pelas mídias digitais e, dessa forma, discutir sobre efeitos da Era Cibernética nas relações humanas; realizar um paralelo entre a importância da psicologia e a alienação das redes; descrever os possíveis efeitos psíquicos acarretados pela cibercultura no processo de envelhecimento das novas gerações.

2. Metodologia

Os métodos teóricos utilizados para a construção desse trabalho baseiam-se em uma pesquisa bibliográfica descritiva. A pesquisa refere-se a uma revisão de literatura qualitativa de livros, trabalhos acadêmicos, documentários e revistas científicas publicados entre o período de 2011 a 2021, salvo os clássicos como, *American Psychological Association* (2006), Bauman (1998-2001), Castells (1996), Levy (1999), Rodrigues (1979), Rogers (1986-2009) e Sartre (2008). A conjuntura presente apresenta a finalidade de abordar temáticas sobre os impactos da rede midiática no cotidiano e na saúde mental das pessoas à luz da perspectiva existencial-humanista. Dessa forma, com o intuito de fazer com que o leitor questione e reflita sobre as diversas tendências das quais todos estão submetidos e são reprodutores. O trabalho tem a finalidade de discutir temáticas relacionadas às redes midiáticas, cultura cibernética, pós-modernidade, subjetividade e psicologia.

3. Revisão de literatura

3.1 Tecnologias da informação: veneno ou remédio?

É evidente que os avanços tecnológicos trouxeram mudanças para o corpo social no viés cognitivo, afetivo e comportamental, trazendo uma incógnita que divide opiniões entre compreender a indústria tecnológica da informação como um progresso ou um regresso para a constituição da subjetividade humana.

Lévy (1999) esclarece que a inteligência coletiva que contribui para a cibercultura é o novo pharmakon que no grego arcaico significa, simultaneamente, veneno e remédio: uma vez que, ao mesmo tempo, é veneno para aqueles que preferem abster da tecnologia, paralelamente é um remédio para aqueles que se aprofundam, mas conseguem assumir o controle desse dispositivo. Acrescentando que a inteligência coletiva proposta pela cibercultura apresenta um dos melhores remédios para fins de mobilidade e de aceleração da mutação técnica.

Mediante a situação que se encontra na contemporaneidade, seria um equívoco ou uma perda de tempo se afugentar da globalização, ou mesmo impossível, pois estamos completamente atrelados a ela. Há uma emergência grande em desvendar a tecnologia em prol da saúde mental, na perspectiva de utilizar a tecnologia como mecanismo metodológico para lidar com ela mesma. Partindo do pressuposto que a sociedade se inclina a uma dependência desenfreada ao abuso das redes sociais e afins, desencadeando uma série de complicações cognitivas e comportamentais, como a tecnologia da informação poderia ser útil para os efeitos colaterais que ela mesma está acarretando? Parece até um paradoxo: tratar um mal com o próprio mal. Uma genuína pharmakon.

Isto posto, fica explícito o quão imprescindível é a emergência do homem e a sociedade na qual ele está inserido em alcançar a relação equilibrada entre si e as tecnologias: necessidade para não se perder completamente e não se fundirem em algo só. Bauman (2001) discorre na sua obra, *Modernidade Líquida*, sobre a desintegração dos laços sociais nos tempos modernos, no qual ocorre a propensão a um inclinamento a relações menos enraizadas e mais fluidas, tendo nas redes interpessoais aspectos voltados ao instantâneo e frágil. Numa era em que as pessoas buscam sempre a renovação e o descarte pelo novo, as coisas já não são feitas para serem duradouras ou consumidas com esse intuito – e as relações muito menos.

É uma visão perigosa à perspectiva de vislumbrar o universo tecnológico como algo neutro, pois em quase todos os âmbitos em que vivenciamos, permanecemos rodeados pelos bombardeios das mídias digitais. Embora ela faça

parte da vida do ser humano quase que de forma contínua, de maneira nenhuma ela pode assumir o controle. Escolher ser cego diante desse movimento, é, indubitavelmente, uma péssima escolha.

Lévy (1999) destaca pontos positivos nessa integração, afirmando que os avanços da inteligência coletiva possuem um dos principais efeitos na aceleração progressiva do ritmo da alteração tecnosocial, ou seja, transformações na esfera social preponderantes das ciências tecnológicas, acarretando assim, necessariamente, um maior engajamento à participação ativa na cibercultura por parte do âmbito social, para que este não fique desatualizado. Uma vez que, aqueles que optarem por não entrar nesse ciclo frenético de mutações, tendem a permanecer excluídos e às margens sócio-tecnológicas, pois não farão parte das novas apropriações e compreensões sistêmicas.

Durante o início do século XX, surgiu-se o conceito de rede social e a concepção de que as relações sociais provenientes dela seriam conjunturas de um engrenado que interferiam nas ações dos indivíduos (FERREIRA, 2011). Embora o mundo globalizado tenha encurtado a distância através da internet e disponibilizado várias regalias, as pessoas se distanciaram afetivamente. Para Bauman (2001), a modernidade dirigiu a sociedade do século XXI a caminhos da compulsividade e obsessão: em nome da destruição criativa, como o autor definiu, as pessoas se tornaram insaciáveis e a produtividade em massa e a competitividade são justificativas para a destruição e a defasagem.

A análise feita por Magalhães e Brito (2015) concebe personalidade, na atualidade, como produto da identidade e reputação. A reputação se configura num processo em que o indivíduo cultiva uma imagem/ideia a respeito de si para um grupo social. Esse reflexo de como as pessoas o compreende faz parte da sua personalidade, mas não como um todo, já que é estabelecido através da alimentação sucessiva das mídias sociais. Enquanto a identidade corresponde à ontogênese, isto é, a experiência individual do sujeito, sua visão das percepções sobre suas ações.

Essa dualidade mencionada que confere a personalidade abre espaço para uma discrepância entre o *eu real* e o *eu ideal*, o que Rogers (2009) nomeou de incongruência, ao passo que Sartre (2008) designou como má-fé. Mentir para si mesmo; uma maneira de camuflar com sofismo algo verídico, mas doloroso ou uma atitude errônea, mas prazerosa numa esfera aceitável para si.

A dissemelhança do comportamento nas redes e o de fato na vida real demonstra que as pessoas criam personas com o intuito de “aprovação ou aceitação social e de status ou reconhecimento” (MAGALHÃES; BRITO, 2015, p.109). Contudo, há uma problemática que pode se transformar em um abismo entre a realidade e a idealização. A distância dos dois polos pode levar o sujeito a se perceber em apenas um único polo, ou seja, no *eu ideal*, gerando um paradoxo em relação à realidade: o *eu real*.

O mundo virtual se apresenta muito mais atrativo do que a própria realidade. Vivencia-se a era da ilusão, onde nada é completamente real: a felicidade não é real tampouco os corpos, os rostos e os lugares. A edição é a principal ferramenta que propicia a ideia ilusória da perfeição aceitável. O verídico não tem graça, tudo é mutável em frações de segundos, em um clique só, dos relacionamentos amorosos à identidade que se modifica conforme às tendências que dão mais engajamento nas redes sociais. Infelizmente, cada vez mais as pessoas são o que os outros querem, o que traz um gozo momentâneo. Todavia, o que efetivamente elas são, ora julgam que não é aceitável e nem ideologicamente interessante, ora nem sabem quem realmente são.

O estado de ansiedade de se sentir inacabado e incompleto é descrito por Bauman (1998) como um grande leque de possibilidades e oportunidades que dão a liberdade de tornar-se alguém. Em contrapartida, alcançar o acabado, o finalizado, é colocar um ponto final na liberdade, é apenas ser aquilo que se tornou. Assim, há um dilema existencial nessa dicotomia do processo de tornar-se alguém, entre a satisfação da chance de poder buscar livremente e a agonia que nada tem a garantia de ser duradouro.

Os novos arranjos sociais estão se sistematizando em laços fortes e fracos: a mídia tem viabilizado a existência de laços sociais fragilizados, redes sociafetivas predominantemente pautadas em quesitos como influência e status, o que gera uma rede extensiva; diferentemente dos laços sociais fortes, caracterizados por relacionamentos mais maduros e duradouros, firmado em pilares como aceitação e segurança social. Para a manutenção e evolução das redes, os laços fracos tem um papel de suma importância, pois o grupo dos laços fortes cria um buraco estrutural, uma vez que estão alheios ao que os outros estão fazendo e estão em uma rede diferente, no qual predomina focar apenas nas suas atividades. Destarte, os laços fracos se incubem de expandir informações e influenciar os demais, estimulando a

mobilidade de engajamento e potencializando a ferramenta. Outro aspecto desse grupo, seria o aumento da sua evidência na rede, uma forma de se destacar no campo virtual em que está inserido (MAGALHÃES; BRITO, 2015).

Para Lévy (1999), o dilema abordado entre efeitos benéficos e colaterais da cibercultura não se delimita em examinar os impactos, mas de analisar as irreversibilidades que o uso das tecnologias pode levar a humanidade e ainda na construção de projetos investigando as nuances virtuais que poderiam presumir um prognóstico futuro, para assim, estabelecer o que se pode fazer. Devido à mutabilidade da globalização, conforme Lévy (1999), consistiria improdutivo delinear as facetas do uso das ferramentas tecnológicas, pois quando há uma investigação voltada a esse parâmetro, já evoluiu novas formas de manejo: a tecnologia já promoveu outros vieses de inovação e comportamento.

É necessária uma maturidade para o uso das ferramentas tecnológicas que, evidentemente, o ser humano ainda não alcançou. Devido à múltiplos fatores, especialmente às frenéticas transformações e descobertas do ciber mundo atual, que apesar de sedutoras, pois exibem praticidade, facilidade, inovação, sofisticação, viralização, dentre muitos predicativos, não demonstram e nem preveem, conjuntamente, as suas implicações adversas. Ou seja, as melhorias e evoluções de incumbência transferidas para o cotidiano são ausentes de qualquer tipo de predição, avaliação de impactos e de estruturação em como lidar com os avanços.

“A realização de tarefas simultâneas seria o marcador que os diferenciam dos indivíduos de outras gerações” (BORTOLAZZO, 2012). A geração Z e, principalmente, a geração *alfa* tiveram o seu processo de desenvolvimento cognitivo influenciado pela cibercultura promovida pela pós-modernidade. Uma nova realidade que proporcionaram aos jovens a aprimorarem a capacidade de dividir e alternar a atenção. É muito comum adolescentes e jovens adultos acessarem as mídias ao mesmo tempo em que desempenham as suas atividades diárias, o que implica conciliar trabalho, estudo ou lazer e navegação no universo virtual. A Associação Americana de Psicologia (APA) define as novas gerações que apresentam essas condições como multitarefas e acrescenta que a facilidade e rapidez que desempenham diversas funções consistem de um modo quase impensável.

Mesmo com tantos prós e contras a respeito dos efeitos das ferramentas tecnológicas da informação para a vivência humana, pode-se concluir algumas convicções com os estudos.

Primeiro, seria praticamente impossível viver na era da tecnologia se abstendo dela: a cultura já a incorporou para si e já é uma realidade e uma forma de viver. O modo como o indivíduo atual estuda, trabalha, diverte, comunica e socializa é por intermédio quase totalmente de algum tipo de tecnologia. Segundo, o homem ainda está muito aquém de conseguir estabelecer uma relação equilibrada entre si e estas ferramentas, uma maneira saudável de utilizá-las a seu favor, minimizando o máximo possível os impactos negativos que ela pode causar, como mencionados anteriormente. “Mesmo supondo que realmente existam três entidades — técnica, cultura e sociedade —, em vez de enfatizar o impacto das tecnologias, poderíamos igualmente pensar que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura.” (LEVY, 1999, p.19).

Nitidamente, os avanços que a ciência proporcionou a humanidade foram significativos para a formação das identidades sociais e a criação de novos costumes. Todavia, a ganância em ir sempre além à busca de inovações e descobertas leva o homem a caminhos que se afastam da sua própria essência, o que propicia a destruir, matar e/ou prejudicar o que e quem necessário para alcançar o cume do sucesso contemporâneo - mesmo que o preço a se pagar seja tão alto que tenha que renunciar a sua essência humana. O gozo pelo êxito do alcance é significativo de extrema satisfação, contudo, analogicamente como droga, ela permite te levar as alturas, mas é momentânea e não vale os efeitos colaterais posteriores.

De acordo Rogers (2009), a essência humana não é mal ou descontrolada, mas sensível, aberta e realista. Definitivamente, as pessoas estão se perdendo em si mesmas. Avançam em quase todas as epistemologias, mas regridem enquanto seres humanos. E há uma carência enorme em resgatar a humanidade presente em algum lugar do âmago de cada um.

3.2 O resgate da subjetividade humana pela psicologia

A era da pós-verdade vivenciada nos dias atuais tem demonstrado fenômenos a respeito da mutação do que até então era considerado sólido e que agora está se desfazendo em liquidez. Dessa forma, essa era se caracteriza pela fragilidade com o comprometimento com a veracidade dos fatos, propiciando brechas para que a mentira possa ser suavizada e não encarada de modo

pejorativo. Criando, assim, nuances diferentes de mentiras e permitindo que a ética seja questionada. Portanto, os valores são modificados conforme uma nova premissa baseada redução do estigma de mentir (KEYES, 2004 apud GUARESHI, 2018).

A emergência da psicologia se torna cada vez maior devido à carência de significação que as experiências vêm se apropriando, principalmente no quesito das relações. O seu papel social na compreensão da singularidade do indivíduo a partir da subjetividade humana é imprescindível, bem como uma epistemologia necessária que tem na sua essência o intuito de fazer com que as pessoas questionem e reflitam as suas vivências, fundamental para discursões a respeito do campo virtual e suas manifestações na consciência e liberdade humana.

Em tempos em que é difícil parar para pensar, meditar sobre um assunto, pois somos submersos a uma avalanche de informações a cada instante e controlados por algoritmos num ritmo frenético. A psicologia é um escape, senão a saída desse círculo vicioso. Uma vez que a mesma consiste substancial para discorrer uma discursão sobre o paralelo entre saúde mental e o modo de vida adoecido.

Tufte (2020) diz no documentário “Existem apenas duas indústrias que chamam seus clientes de usuários: a de drogas e a de software”. Diariamente, as pessoas absorvem inúmeras informações nas mídias sociais que normalmente seguem um mesmo padrão de conteúdo. No entanto, elas não percebem o quanto estão sendo controladas pelos algoritmos em cada navegação. A inteligência artificial manipula todos os acessos, criando *timelines*, páginas e propagandas específicas para o seu usuário conforme o seu histórico de buscas, construindo, assim, uma ferramenta perfeita de dependência, um lugar com a “cara” do usuário, composto por todos os conteúdos que ele gosta, o aprisionando por horas e horas. “A incitação algorítmica não nos força a nada, ela cria um sentimento de evidência. Surge quase que de uma ordem epifânica para nos revelar continuamente aquilo de que supostamente estaríamos necessitando” (SADIN 2015, p. 74 apud GUARESHI, 2018, p. 29).

A inteligência artificial tem desempenhado muito bem o desenvolvimento estratégico nas redes em reforçar no imaginário das pessoas a sensação que são/estão faltosas e que precisam consumir para se preencherem: os *marketings* estão associados com afetos, os bens de consumo ganharam outra significância, as pessoas já não compram apenas bolsas, sapatos, roupas e carros. A mídia vende

poder, *status*, autoestima, alegria e reconhecimento, motivando a massa a ter a consciência (ou falsa consciência) da necessidade de obter o objeto de desejo. “O termo rede social vem sofrendo transformações ao longo do tempo [...] O próprio significado pode trazer uma certa contradição, assim como pode ter sentido de aprisionar, também pode ter sentido de libertar.” (SANTOS; SILVA, p. 185, 2021).

Bauman (1998) diz das angústias dos consumidores: em meio ao capitalismo que possibilita a variedade de opções sedutoras, devido à competitividade no entorno dos meios de produção, o consumidor se angustia com o excesso, com as inúmeras alternativas disponíveis e com o medo de errar ou ser pego errando. A problemática vivida consiste no receio de não ter consumido da melhor forma possível, isto é, o produto de melhor qualidade e menor preço.

As falsas necessidades e os desejos infundados são constantemente apresentados para os indivíduos de uma forma mágica e encantadora. Essa compulsão revela que o ato de consumir está pautado na tentativa de suprimir carências internas e na revogação de analisar quais são as demandas conflituosas da própria subjetividade. A psicologia constitui uma ciência substancial para todos aqueles que desejam experienciar em uma jornada intrapessoal em busca da autoconsciência e de uma relação melhor consigo. Tendo em vista que, a compulsão citada por Bauman (2001) é uma característica da contemporaneidade fluída, pode-se prever que constitui em um sintoma coletivo, possivelmente fruto das negligências da cultura contemporânea em se voltar para si mesmo e escutar as suas verídicas necessidades e seus autênticos desejos e que, certamente, não são bens materiais de consumo.

Rogers (1986) remete a importância da autoconsciência para a tomada de decisões mais assertivas e escolhas mais bem fundamentadas e esclarece como estar consciente de seus sentimentos, emoções e ideias é um processo contributivo para um fluxo evolutivo. Ao contrário do cenário atual, em que se testemunha pessoas que estão confusas e indecisas e não conseguem compreender o porquê tomar/tomou tais escolhas e a razão para se comportar conforme a massa, suprimindo tanto a singularidade e a possibilidade de uma evolução íntima e individual.

A incidência de sintomas distímicos e eufóricos nos indivíduos apresentam relações estreitas com uma autoestima frágil, personalidades inautênticas e instabilidades emocionais decorrentes de uma vivência não plenamente autêntica. A

necessidade de aceitação em um grupo causa uma angústia existencial recorrente, pois para se adequar a esse padrão é preciso seguir todo um parâmetro sistêmico midiático, ou seja, ser popular em redes sociais, ter seguidores, obter muitos *likes* e compartilhamentos. À vista disso, a alienação acarreta uma perda da identidade tão significativa que o sujeito se perde sem saber o que é realmente de si e o que é do outro, o que de fato ele gosta e o que ele gosta só porque os outros gostam, e assim sente que deveria gostar também para ser acolhido numa tribo social. Destarte, asfixiado por uma crise existencial (SANTOS; SILVA, 2021).

Guareshi (2018) esclarece a questão das crenças na atualidade, discutindo sobre como os indivíduos não estão se atentando à veracidade das circunstâncias ou pelo menos não estão se importando com esse detalhe. Mesmo frente à distorção que a rede midiática consegue fazer, o que é pautado pelo corpo social contemporâneo para discernir em acreditar ou não, se constitui num simples fato egocêntrico: *o conteúdo ofertado vai ou não ao encontro dos meus parâmetros próprios? Concretiza às minhas crenças?*

Pode-se estimar que se as pessoas começarem a desenvolver a aceitação com elas mesmas, vislumbrando suas potencialidades e suas deficiências, certamente começarão a aceitar também os seus pares. Rogers (1986) disserta a influência dessa atitude facilitadora para a atualização de um ser mais congruente e autêntico com as suas próprias experiências e mais verdadeiro e genuíno consigo. Evidentemente, para isso, as pessoas precisam ser escutadas e, não menos importante, precisam se escutar. O processo de entrar em contato consigo e questionar seus anseios e suas escolhas certamente poderá ser um passo para a lucidez em desfavor à alienação e ao serviço da repetição de uma engrenagem sistêmica.

3.3 O estigma de envelhecer numa cultura capitalista

Teixeira (2015) ressalta que vivenciamos uma era marcada por uma sociedade com comportamentos narcisistas e exibicionistas, uma sociedade pouco solidária que percebe o envelhecimento como algo desagradável e provocador de sofrimento, enquanto a juventude é aclamada e desejada. Em uma sociedade capitalista, envelhecer significa sinônimo de parar de produzir e gerar riqueza, o oposto da massa que fortalece a ideia de produção e rendimento: o fato de não

contribuir para o engrenamento dessa dinâmica capitalista resulta no estigma de perda de valor social, pois já não acompanha o ritmo frenético imposto pelo sistema hegemônico. O sistema político e econômico olha apenas para uma faixa etária: os jovens cheios de vigor.

As novas gerações conceberam-se com a ideologização através dos diversos veículos de comunicação de que a juventude é imprescindível para a aceitação social. Rodrigues (1979) reforça a concepção de como a cultura está diretamente ligada na visão que as pessoas têm dos seus corpos, uma vez que a cultura dita normas que devem ser concretizadas para se fazer parte de uma certa comunidade. Conseqüentemente, o corpo assume significações que são marcas da vida social, em que ele deve cumprir uma função simbólica.

O velho ou o ato de envelhecer é considerado pejorativo, sendo sinônimo de ultrapassado, inútil e perda da vitalidade, conclusão esta alcançada por todos os autores suscitados neste presente trabalho. A cultura consumista reforça a ideia de que objetos/aparelhos antigos devem ser trocados por outros mais novos e modernos. Bauman (1998) discute na sua obra, *O mal-estar da pós modernidade*, acerca de como os artigos em materiais já nem são mais feitos para que se perdurem, um pensamento mal constituído do mundo pós-moderno em que tudo pode tornar-se substituível. E essa visão se estende às pessoas e aos seus corpos.

Dantas (2011) expõe uma compreensão semelhante à ideia trazida por Marinho (2015): ambos falam dessa necessidade cultural ocidental em cultuar o corpo como um valor fundamental e evitar o envelhecimento como se ele fosse significativo de uma doença. Dantas (2011) ainda enfatiza que os avanços tecnológicos contribuíram para o aumento de recursos médicos que possibilitam intervenções corporais para a manutenção e modelação da beleza, reforçando um equivocado discernimento de associar juventude e beleza com saúde.

As cirurgias plásticas estão cada vez mais frequentes, pois as pessoas almejam se sentirem pertencentes e confortáveis. Os investimentos com o corpo é a principal forma de retardar o processo de envelhecimento físico. Assistir à eventualidade do declínio somático acarretado pela chegada da idade avançada está sendo e será ainda mais uma situação dolorosa para as pessoas, pois está incutido nesse processo um sentimento de perdas: de valores e papéis sociais, de visibilidade, de produção/consumo, de beleza e de aceitação.

Rodrigues (1979) faz uma leitura sociológica dos eventos culturais em relação ao corpo diante várias civilizações distintas e épocas diferentes, concluindo que as interferências realizadas no corpo revelam significações que fazem parte uma projeção da sociedade, e, assim, podendo dizer, da cultura. O autor explica que consiste numa forma de controle da conjuntura citada, pois a ótica que se percebe o corpo está entorno de dicotomias trazidas pela própria cultura. “O corpo significa, ao mesmo tempo, a Vida e a Morte, o Normal e o Patológico, o Sagrado e o Profano, o Puro e o Impuro”. (RODRIGUES, 1979, p. 131).

Santos (2014) explicita o quanto o corpo na contemporaneidade se tornou símbolo de consumo, como a exposição midiática transformou o corpo em valor e o institucionalizou, não sendo mais uma constituição privada, mas símbolo de manifestações institucionais, ganhando um espaço público: *outdoors* e outras muitas publicidades em diversas mídias. Ademais, tornando-se uma das principais referências de sexualidade, tendo casos de uma percepção até sexista quanto à imagem feminina.

A imagem de ideal atrelada entre cultura do consumo e cultura da imagem, tendencia a perspectiva de que é necessária *ter* uma imagem para *ser*. De forma sempre imediata, suspendendo o tempo e o processo para o resultado. Para aqueles que não têm ou que não aparentam ter a imagem esperada, na verdade não são, pois são invisíveis. O temor da juventude consiste em se tornar indivíduos invisíveis e despercebidos e eles sabem que com a chegada dos anos, isso ocorrerá porque exatamente dessa forma, lidam com as pessoas mais maduras, no presente.

Entretanto, e coincidentemente, o mercado se inovou com inúmeros produtos que prometem o cuidado para prevenir o declínio físico e manter a beleza com falsa conotação de saúde, de forma preservada e intacta o máximo de tempo possível. Para isso, há uma vasta variedade de produtos que se estendem a categorias alimentícias, cosméticas e medicamentosas, além do consumo de serviços em prol do desejo jovial. Sendo assim, uma forma estratégica que vende uma ideia e imagem que aliena às pessoas à construção ideológica de corpo que compatibiliza com a lógica capitalista de consumo exacerbado (DANTAS, 2011).

É inevitável a senescência, mesmo sabendo disso, as pessoas compadecem de sentimentos de angústia e ansiedade. Evidentemente, é uma frustração por estar perdendo um projeto que fora investido durante uma vida toda na tentativa de alcançar um padrão de corpo perfeito. Certamente, emergirão algumas patologias

durante o envelhecimento das novas gerações. Em virtude de tudo o que fora dito, será insuportável aceitar que não se tem o controle do tempo e que o imediatismo poderá ser o pior vilão mais tarde. E o principal desejo será totalmente o inverso: que o tempo não passe logo.

4. Considerações finais

A partir da temática desenvolvida é possível compreender que grande parte dos comportamentos humanos está sendo influenciado pelas novas configurações estabelecidas pela pós-modernidade, destacando, principalmente, a inserção das redes midiáticas que ganharam espaço na vida diária das pessoas. E, com isso, possibilitando que as mesmas apresentem uma interação maior nas redes, consumindo conteúdos e tendências que atuam diretamente na construção da subjetividade delas.

A era cibernética consiste numa realidade de mudanças constantes e inovadoras, tornar-se alheio das revoluções tecnológicas presentes não seria uma atitude assertiva, pois significaria ficar à margem da sociedade, dificultando estabelecer relações interpessoais. Certamente, como já fora mencionado, o uso indiscriminado de ferramentas digitais tem acarretado o agravamento do mal-estar e o surgimento de paradigmas impostos mais acentuados, estes com propósitos subjacentes de moldar as pessoas. E enquanto elas, seguindo essas ideologias com o desejo de serem aceitas e pertencidas, percebendo-se um corpo social menos crítico e cético, no entanto, mais passível de ser manipulado.

A psicologia se apresenta como uma ciência do comportamento humano que possui um viés distinto do arquétipo de marionete, na qual as pessoas estão submetidas por meio das mídias digitais. Ainda não se sabe o manejo ideal para a utilização de tantas ferramentas virtuais e tampouco se elas podem ser consideradas vilãs ou benéficas. O ponto fundamental trazido pela psicologia está na reflexão e na autoanálise de até quando se é autêntico consigo mesmo e até quando se tornou uma farsa para si, e, assim, se perceber como sujeito responsável pelas suas próprias escolhas e protagonista da sua própria vida. O resultado seria a saída da repetição envolvida que causa tantos adoecimentos psíquicos.

Os impactos na autoimagem e no receio de envelhecer têm desencadeado uma preocupação constante entre as pessoas, uma demanda que em tempos

posteriores não era uma problemática significativa. Contudo, na Era Cibernética presente, a visão das pessoas diante o seu próprio corpo está paralelamente ligada aos conteúdos que as mesmas consomem na internet. As abruptas mudanças necessitam ser investigadas para a compreensão da origem das transformações decorrentes na vida da sociedade e a emergência de angústias tão coletivas.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudio Martinelli Gama e rev. técnica Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998. 272 p. ISBN 978-85-7110-464-8.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Plínio Dentzien [trad.]. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 278 p. Tradução de: Liquid modernity. ISBN 978-8571105980.

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. **Nascidos na era digital: outros sujeitos, outra geração**. XVI ENDIPE-Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino/UNICAMP. Campinas: Junqueira & Marin, 2012.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 2º ed. Paz e Terra, São Paulo, 2000. ISBN 8521903367.

COOMBE, Davis; CURTIS, Vickie; ORLOWSKI, Jeff. **Documentário: O Dilema das Redes (The Social Dilemma)**. Direção: Larissa Rhodes. Produção: Jeff Orlowski. Netflix. 2020. (94min).

DANTAS, Jurema Barros. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. **Estud. pesqui. psicol. vol.11 no.3 Rio de Janeiro dez. 2011**

FERREIRA, Gonçalo Costa. Redes sociais de informação: uma história e um estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 16, p. 208-231, 2011.

GUARESCHI, Pedrinho. Psicologia e pós-verdade: a emergência da subjetividade digital. **Psi Unisc**, v. 2, n. 2, p. 19-34, 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Editora 34, Rio de Janeiro, 1999. 264 p. ISBN 8573261269

MAGALHÃES, Mauro de Oliveira; BRITO, Fernanda de Souza. Avaliação da personalidade e redes sociais: uma proposta de integração. **Avaliação Psicológica**, v. 14, n. 1, p. 107-114, 2015.

MULTITASKING: Switching costs. American Psychological Association, March 20, 2006. Disponível em: <https://www.apa.org/research/action/multitask>. Acessado em: 28 de novembro de 2021.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. Editora: Achiamé, Rio de Janeiro, 1979. 174 p.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 489 p. ISBN 978-85-7827-085-8.

ROGERS, Carl R. **Um Jeito de Ser**. Tradução Maria Helena Souza Patto. E.P.U. Editora Pedagógica e Universitária, São Paulo, 1986. 168 p. ISBN 978-8512602509

SANTOS, Geny; SILVA, Millene. Depressão na adolescência relacionada ao advento das mídias sociais na contemporaneidade. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades-Cidadania, Diversidade e Bem Estar-RECH**, v. 5, n. 1, jan-jun, p. 174-193, 2021.

SANTOS, Silvana. O papel do corpo na contemporaneidade, as novas patologias e a escuta analítica. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 3, n. 3, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 782 p. ISBN 978-85-326-1762-0.

TEIXEIRA, Selena Mesquita de Oliveira et al. Reflexões acerca do estigma do envelhecer na contemporaneidade. **Estud. interdiscip. envelhec**, p. 503-515, 2015.

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni

FICHA DE ACOMPANHAMENTO INDIVIDUAL DE ORIENTAÇÃO DE TCC

Atividade: Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo/Monografia.

Curso: Psicologia **Período:** 10 ° **Semestre:** 2° **Ano:** 2021

Professor (a): Carlos Renato de Oliveira Faria

Acadêmicos: FABIENE RODRIGUES LEMOS VIEIRA

Tema: A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Data(s) do(s) atendimento(s)	Horário(s)	Assinatura do aluno
08/05/2021	15:00	Fabiene Rodrigues Lemos Vieira
12/06/2021	14:00	Fabiene Rodrigues Lemos Vieira
25/08/2021	15:00	Fabiene Rodrigues Lemos Vieira

Descrição das orientações:

Considerando a concordância com o trabalho realizado sob minha orientação, **AUTORIZO O DEPÓSITO** do Trabalho de Conclusão de Curso do(a) Acadêmico(a): **FABIENE RODRIGUES LEMOS VIEIRA**



Assinatura do Professor

CopySpider Scholar | Análise x report (3).html x Downloads x report (2).html

Arquivo | C:/Users/Christian/Downloads/report%20(3).html

Resumo

Arquivo de entrada: TCC - Fabiene corrigido.docx (5805 termos)

Arquivo encontrado	Qtd. de termos	Termos comuns	Similaridade (%)	
pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-116820110...	5057	75	0,69	Visualizar
ciberduvidas.iscte-iul.pt/artig...	2046	12	0,15	Visualizar
agile-mercurial.com/2019/06/...	1703	11	0,14	Visualizar
apa.org/research/action/multitask	1455	4	0,05	Visualizar
medium.com/@augustocvp/viraliza%C3%A7%C3%A3o-5dd40844c3fd	504	3	0,04	Visualizar
listamais.com.br/local/cad_idX9QBFx7/joab-lemos-rodriques-escritorios-...	185	2	0,03	Visualizar
pages.gseis.ucla.edu/faculty/kellner/essays/postmoderntheorych1.pdf	11092	5	0,02	Visualizar
goldderby.com/feature/larissa-rhodes-social-dilemma-producer-netflix-vi...	2029	2	0,02	Visualizar
deadline.com/2021/05/the-social-dilemma-jeff-ortowski-interview-larissa-...	1290	1	0,01	Visualizar
parisfashionweek.fhcm.paris/en/lart-de-la-transformation-2	497	1	0,01	Visualizar

Similaridade = termos comuns / termos distintos.